

A AQUISIÇÃO DO VOCABULÁRIO BÁSICO E A COMPETÊNCIA LEXICAL

*Claudia Maria Xatará/
Vanzorico Carlos de Souza/
Adriana Cardoso de Moraes
- (UNESP - São José do Rio Preto)*

RESUMO:

O presente artigo pretende evidenciar o papel da escola quanto à aquisição do vocabulário básico. Partindo do pressuposto de que o enriquecimento vocabular acontece de forma mais profícua em contextos interacionais e que a escola seria, por excelência, o lugar onde mais ênfase deve-se dar para tal atividade, fazemos algumas considerações sobre o tratamento da aquisição lexical em determinados livros didáticos e por professores, seja de língua materna ou de outras disciplinas. Acrescentamos, ainda, algumas sugestões sobre a utilização do dicionário monolíngüe durante as aulas como mais uma alternativa metodológica para o aumento da competência lexical dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE:

Vocabulário básico; aquisição lexical; competência lexical.

1. Introdução

A questão sobre o processo de aquisição da linguagem está longe de ser resolvida definitivamente, apesar de ter sido objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento, como a Psicologia Cognitiva, a Lingüística e a Psicolingüística (SCARPA, 2003).

Na verdade, as discussões sobre o assunto foram impulsionadas a partir de 1950, sobretudo após a publicação dos trabalhos de

Chomsky (1959) como crítica à teoria comportamental ou behaviorismo de Skinner (1957), para o qual aprender uma língua não era diferente de aprender uma outra habilidade qualquer - andar de bicicleta, dançar etc. - , pois o aprendizado resultaria da exposição do falante ao meio (visão ambientalista), por consequência de mecanismos comportamentais tais como estímulo-resposta-reforço.

Chomsky defende, então, uma visão inatista da aquisição da linguagem, tendo esta um componente genético e não um conjunto de comportamentos verbais. Assim, a linguagem seria adquirida como consequência do desenvolvimento de um dispositivo inato gravado na mente humana.

Mais tarde surge o psicólogo soviético Vygotsky (1996) com questionamentos ao inatismo chomskiano e como alternativa ao cognitivismo construtivista de Piaget. Ele explica o desenvolvimento da linguagem com base na interação entre a criança e o adulto. Dessa forma, passam a ser levados em conta fatores sociais, comunicativos e culturais para o desenvolvimento lingüístico, considerados pré-requisitos nesse processo.

Embora o problema da aquisição da linguagem seja, como se vê, um campo nebuloso, onde vários posicionamentos se chocam e se entrecruzam, sustentamos a tese vygotskyana e por isso acreditamos que o léxico seja adquirido e ampliado por meio das múltiplas relações sociais e do aprendizado escolar. Da mesma forma que essa concepção de linguagem, também a aquisição do léxico é totalmente social, dependente dos contatos e do acesso a informações e à escolarização.

2. O vocabulário básico do português brasileiro

Recortes do léxico total de diferentes línguas naturais têm sido realizados com o objetivo primeiro de se definir qual o vocabulário

fundamental da língua materna a ser ensinado a estrangeiros. Os diversos vocabulários fundamentais já constituídos são formados por unidades léxicas de alta frequência na língua, portanto recorrentes na maioria dos textos orais ou escritos. Essa prática já é comum em países como Espanha, França e Portugal.

Com base no Vocabulário Fundamental do Português lusitano, uma lista de 2.217 vocábulos elaborados considerando-se pesquisas de campo realizadas pela Universidade de Lisboa (1984), foi feita uma adaptação para a variante brasileira, organizada pela Profa. Dra. Maria Tereza Camargo Biderman.

O vocabulário das duas variantes do Português difere principalmente no que diz respeito a plantas, árvores e flores, dada a diversidade da natureza e do clima. Para o português do Brasil, Biderman verificou a ausência de muitas palavras que designam referentes da realidade brasileira, visto a heterogeneidade do universo e a complexidade das sociedades contemporâneas, e sua proposta resultou no *Vocabulário Básico do Português Brasileiro*, com 2.857 palavras, de cujo conteúdo dispomos em disquetes.

3. Domínio do vocabulário básico

Um indivíduo começa a construir seu conhecimento de mundo por meio das interações sociais junto à família e das relações sociais no círculo de amizades. Ao mesmo tempo, vai formando seu vocabulário que será ampliado durante as várias etapas do processo de sua formação. Esse indivíduo, cada vez mais terá a necessidade de adquirir e estocar na memória verbal um acervo do léxico geral e especializado mais amplo, para dar conta de ler e interpretar as novas realidades de seu mundo. Segundo Benveniste (1989: 252): “O aparelhamento mental consiste, em primeiro lugar, de um inventário de termos que arrolam, configuram ou analisam a realidade”.

Quando o indivíduo chega na oitava série do Ensino Fundamental, ele já passou por um longo processo de aprendizagem da língua. O aprendizado de parte do vocabulário básico apresenta-se evidentemente concluída. No entanto, o processo mantém-se contínuo, pois o usuário-aluno ainda está construindo o seu acervo léxico, que na verdade não tem fim. De acordo com Biderman (1981):

Sendo o léxico um conjunto aberto que os indivíduos levam longos anos para adquirir, o falante não-adulto ainda está numa das etapas ascendentes de aquisição do vocabulário; a rigor, se considerarmos o léxico da língua na sua totalidade (o que constitui uma utopia), qualquer indivíduo, mesmo adulto, estará sempre aprendendo novos elementos léxicos, pois o tesouro vocabular da língua se expande continuamente (BIDERMAN, 1981: 138).

O que se questiona, porém, é o quanto desse vocabulário básico está de fato adquirido e onde se encontram as deficiências na aprendizagem, justamente para que os professores e os livros didáticos de língua materna possam contribuir com eficiência e adequação.

Partindo de uma constatação empírica, resultado do convívio com professores das diversas disciplinas, todos são unânimes em dizer que os alunos do Ensino Fundamental lêem os textos essenciais de suas matérias com dificuldade de compreensão, em diferentes graus.

Sabe-se que a interpretação de um texto requer o domínio de várias habilidades, como a leitura. É sem dúvida a leitura a responsável pela aquisição de boa parte do léxico na infância. A criança que aprender a ler primeiro ou que tiver o hábito da leitura terá adquirido uma maior competência lexical em sua

língua materna. Do ponto de vista pedagógico os exercícios propostos para o ensino do léxico deveriam, pois, partir também de produções espontâneas da criança. Mas acreditamos que, além disso, o ensino sistemático do léxico pode otimizar o domínio ao menos do vocabulário básico, ou seja, das unidades léxicas de alta frequência na língua, o que certamente contribuirá para o entendimento dos textos das demais disciplinas da grade curricular.

4. Sistematicidade do ensino do léxico

Cada vez mais cedo as crianças têm sido expostas às situações de sala de aula, pelo menos em algumas camadas sócio-culturais da população brasileira. Sabe-se, entretanto, que ao chegar na escola a criança traz de seu convívio familiar seu repertório vocabular e é com ele que vai interagir com as outras crianças e desenvolver os exercícios propostos pelos professores nas mais diferentes áreas do conhecimento. Um dos entraves nesse processo é a distância que existe entre o vocabulário utilizado pelo aluno em seu dia-a-dia e o vocabulário exigido dele em situações de escrita e de leitura na escola.

Para lidar com essa dificuldade apela-se sempre para os professores de português que, segundo o senso comum, são os responsáveis pela riqueza e adequação vocabular dos alunos dos mais diferentes níveis.

A maior parte dos livros didáticos trata do estudo do léxico como uma vertente pouco importante nos estudos da língua. Prioriza-se o ensino das funções sintáticas, classes gramaticais e interpretação de textos, sobretudo literários, como se esses não dependessem do conhecimento que o leitor tem da significação das palavras nos diversos contextos.

Geralmente, a sistemática de trabalho funciona mais ou menos assim: escolhe-se o texto, retira-se dele as palavras que se pressupõe desconhecidas pelos alunos e a elas se atribui um significado. Essa lista de palavras, então, é o que quase sempre se encontra nos livros didáticos como vocabulário.

Tomemos como exemplo a crônica *A morcega*, de Walcyr Carasco, proposta num livro didático para sétima série (CEREJA & MAGALHÃES, 2002: 82-83). O texto discute, em linhas gerais, o choque de valores entre gerações e ao final os autores apresentam a seguinte lista de palavras, sugerindo ainda que o aluno procure no dicionário outras palavras que desconheça:

- aparvalhado: desnortado, desorientado
- botocudo: índio que usa botoque (rodela grande) nos lábios inferiores, no nariz e nas orelhas.
- espriar-se: alastrar-se, espalhar-se.
- Janis Joplin: cantora da década de 1960 que fez grande sucesso entre a geração hippie.
- labuta: trabalho
- hostil: contrário, inimigo
- sítio: lugar, local
- tabu: que é proibido ou perigoso
- vanguarda: que está na frente, na dianteira das idéias e dos comportamentos

Resume-se dessa forma o tratamento dado às questões vocabulares existentes nesse texto.

Assim, dificilmente os professores se atêm aos diferentes sentidos de um mesmo vocábulo durante as aulas, pois em sua grande maioria não são conscientizados para o problema. Prova disso é a resistência que existe por parte de professores e alunos no uso do dicionário que, ao invés de ser uma ferramenta de uso comum e fre-

qüente em todas as aulas, só é utilizado quando não se pode mais inferir o significado de uma determinada palavra, necessário para uma determinada situação de sala de aula.

Preocupados com essa assistemática com que o léxico é tratado no âmbito da escola e acreditando que é possível aproximar os alunos das palavras, no sentido de ampliar verdadeiramente seu léxico, propomos a seguir algumas considerações acerca da ampliação vocabular para alunos que estejam concluindo o Ensino Fundamental.

a) a apresentação do dicionário como um instrumento de ajuda e a diferenciação entre alguns tipos de dicionários caracterizar-se-iam como atitudes para chamar atenção à importância, riqueza e multifuncionalidade das obras de referência.

b) também nos parece fundamental que os professores saibam oferecer subsídios para que os alunos e a própria escola escolham e adquiram um bom dicionário.

c) a busca nos dicionários – que normalmente não deveria ser tão rápida quanto o consulente comum deseja - por sinônimos de palavras desconhecidas em um texto, deveria ser melhor orientada com ênfase nas várias acepções contidas na maior parte dos verbetes e na observação dos exemplos, para se chegar a escolha do significado mais adequado para aquele determinado contexto. Observemos o exemplo citado anteriormente e concluímos que a única exceção, com relação ao número de acepções, é a referência que se faz à cantora Janis Joplin para a qual só pode haver mesmo uma acepção; as outras palavras todas possuem, pelo menos, mais de um significado e ao colocar a acepção mais adequada a um determinado contexto, tiramos do aluno a oportunidade de fazer um estudo mais minucioso da obra lexicográfica, pois não será ele quem escolherá o melhor sinônimo.

d) a própria expressão oral do professor, enriquecida pelo uso constante de paráfrases ao dar explicações e expor conceitos poderiam oferecer ao alunado uma maior dimensão da capacidade oratória a ser conquistada como uma variante de seu restrito vocabulário utilizado na oralidade.

e) a escolha de textos diversificados e de diferentes épocas históricas seria importante também para marcar o caráter dinâmico da língua, que se modifica com o tempo; esse seria um momento oportuno para falar dos arcaísmos e palavras em desuso, até como curiosidades. Para ilustrar essa sugestão, lembremo-nos do texto *Um apólogo*, de Machado de Assis (2001), que apesar de não possuir muitos arcaísmos apresenta a palavra “cousa” em vários parágrafos, além dos vocábulos “coser” como sinônimo de “costurar” e “modista” para “costureira”. Para os alunos, tais palavras são freqüentemente encaradas como novidades, já que dificilmente vão ouvi-las ou utilizá-las em seu repertório.

f) a exploração terminológica de vários conceitos, mesmo gramaticais, deveria ser anterior à exploração de seus comportamentos na língua. Por exemplo, a classificação das orações adverbiais como *consecutivas*, *finais* e *concessivas* coloca barreiras para o bom entendimento dos alunos. Mesmo as gramáticas pedagógicas pouco ajudam neste sentido, pois dizem apenas (a maioria delas) que as consecutivas dão idéia de consequência, as finais de finalidade e as concessivas de possibilidade de existência de um obstáculo para a realização de determinado ato. Essas “explicações” muitas vezes não são suficientes para que os alunos possam perceber, ao longo das diversas ocorrências, como se comporta esse tipo de orações. Encontramos, especialmente no caso das concessivas, explicações circulares que dão muito trabalho ao professor e aos alunos, pois pouco esclarece quando dizem, por exemplo, que as orações concessivas

“exprimem circunstância de concessão” (TERRA & NICOLA, 2005).

5. Considerações finais

A falta de comprometimento com o estudo do léxico nas escolas atinge e muito a compreensão de grande parte do conteúdo de todas as disciplinas, pois os alunos desconhecem ou não dominam adequadamente nem o vocabulário básico da língua portuguesa.

Para que os alunos conscientizem-se dessa necessidade e realmente assimilem um recorte de unidades léxicas consideradas fundamentais e efetivas integrantes de seu vocabulário ativo, é preciso que eles se aproximem mais do léxico de sua língua.

Para se tornar mais eficiente o ensino do léxico seria essencial os professores se fundamentarem numa teoria semântica que acentuasse, no ambiente escolar, o tratamento dos valores polissêmicos das unidades léxicas, da parossinonímia, da antonímia, da hiperonímia e da ambigüidade.

Sabemos que as unidades léxicas técnicas e de sentido abstrato revelam índice menor de domínio por parte dos aprendizes, portanto essas unidades devem ser trabalhadas com mais ênfase, evidentemente inseridas em textos significativos que possam levar o aluno a refletir sobre seus significados e incorporá-los ao seu vocabulário ativo. O mesmo se deve dizer em relação às lexias que não fazem parte da realidade extralingüística dos alunos. Evidentemente, o uso sistemático e orientado do dicionário na sala de aula, ou seja, o dicionário como instrumento pedagógico de fato, poderia trazer melhores resultados ao aprendiz.

Enfim, é o universo lingüístico, sobretudo o acervo lexical, que delimita o conhecimento de mundo de cada indivíduo e deveria ser a

escola um dos principais intermediários do processo de aquisição do léxico.

Referências bibliográficas:

- ASSIS, M. Um apólogo. In: PROENÇA, I. C. *Contos consagrados*. Coleção Super Prestígio. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2001.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães, Campinas: Pontes, 1989.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria lexical e lingüística computacional*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. A Estrutura Mental do Léxico. *Estudos de Filologia e Lingüística*. São Paulo: T.A Queiroz, Edusp, 1981. p. 131-145.
- CEREJA, W. R., MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens - 7ª série*. 2. ed. São Paulo: Atual, 2002.
- CHOMSKY, N. Review of B. F. Skinner's verbal behavior. *Language*, v. 35, p.26-58, 1959.
- SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIN, F., BENTES, A.C. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 203-232. v.2.
- SKINNER, B. F. *Verbal behavior*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1957.
- TERRA, E., NICOLA, J. *Gramática de Hoje*. São Paulo: Scipione, 2005.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. Tradução Jefferson Luis Camargo, São Paulo: Martins Fontes Editora, 1996.